

# JACINTO NA CIDADE: UM REPRESENTANTE DO DECADENTISMO FINISSECLAR

Mariana Constantino Nardine (UENP)<sup>1</sup>  
Rita de Cássia Lamino de Araújo Rodrigues (UENP)<sup>2</sup>

**Resumo:** No final do século XIX, na Europa, o campo artístico literário tomava novos rumos. Os avanços de áreas como a ciência e a economia intensificaram o cosmopolitismo e o consumo, acarretando no sentimento de efemeridade da vida, que culminou na descrença sobre o progresso e no sentimento de decadência, o que originou a estética decadentista na literatura. Diante disso, o presente artigo tem o objetivo de apresentar o modo como a postura dândi e o influxo do Decadentismo se faz presente por meio composição da personagem Jacinto na primeira parte de *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós.

**Palavras-chave:** *A Cidade e as Serras*; Decadentismo; Jacinto.

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná "Centro de Ciências Humanas e da Educação e Centro de Letras, Comunicação e Arte" - UENP/CJ (2018). E-mail: [mariananardine@gmail.com](mailto:mariananardine@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP (2006), Mestre em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista - "Júlio de Mesquita Filho" (2010) e doutora em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2015). Atua como Professora da rede pública e privada. Participa do grupo de pesquisa Literatura e Ensino e [Leituras Literárias: Teoria Crítica, Análise e Ensino](#). Linha "Estudos Do Romance" da Universidade Estadual do Norte do Paraná -UENP, campus de Jacarezinho. E-mail: [ritalamino@hotmail.com](mailto:ritalamino@hotmail.com).

## Introdução:

O final do século XIX, na Europa, anunciavam-se novos rumos no campo artístico e literário. O avanço científico e econômico, ocasionado pela Segunda Revolução Industrial, intensificou o cosmopolitismo e o consumo, acarretando no sentimento de efemeridade da vida. A descrença no progresso impulsionou o conflito existencial e a impressão de degeneração dos tempos tornou-se cada vez mais latente. Álvaro Cardoso Gomes (1994, p. 9) assegura que “a obsessão pelo consumo, pela produção desenfreada de novidade, leva ao modismo, ao princípio de que tudo é transitório, inclusive os critérios de gosto e de arte [...]”. Assim sendo, a desilusão para com o progresso social despertou a sensibilidade do homem europeu e o sentimento de crise causados pelo desenvolvimento acelerado das cidades e dos bens de consumo. O homem finisseclular tem, de acordo com Gomes (1994, p. 9), a sensação de que vive num mundo fragmentário e de valores efêmeros e, por isso acaba por se isolar:

Refletindo o pessimismo do período, surge nessa época um tipo de homem que volta as costas à sociedade materialista e que procura cultivar dentro de si as sensações mais refinadas. Esse homem, conhecido como decadente, fecha-se em uma torre de marfim e só na orgulhosa solidão é que parece encontrar conforto para o sofrimento proveniente do desconforto com o mundo grosseiro e hostil. [...] (GOMES, 1994, p. 11)

Diante desse contexto, e do declínio das ideias realistas/naturalistas na literatura, surge o ideário decadentista, como representação da incredulidade do fim do século. O sentimento decadentista passou a ganhar força entre os intelectuais da época como uma reação contrária ao excesso de filosofia, estudos científicos e avanço industrial. O marco inicial da estética decadentista/symbolista consiste na publicação da obra *As flores do mal* de Charles Baudelaire, na França, em 1857, e persistiu até o início do século XX.

O Decadentismo caracteriza-se pelo ceticismo cosmopolita, uma vez que nega a concepção do progresso social e tende a buscar a evasão dos valores burgueses do final do século. José Carlos Seabra Pereira afirma que o que “parece caracterizar primeiramente o Decadentismo é um estado de sensibilidade. Este é, em simultâneo, próprio do homem finisseclular desgostado de si mesmo e de uma civilização em crise aberta...”, além da “consciência de um estado de decadência social e cultural: a vida materializada, a sociedade injusta, a destruição da beleza, a limitação e a vulgaridade ou o formalismo em arte...” (PEREIRA, 1975, p. 23). Logo, a corrente literária Decadentista está ligada ao pessimismo causado pelo sentimento de fragilidade da vida que acometeu o homem do final do século XIX.

Nessa concepção artística, a transitividade das relações existenciais afirma a tendência para o subjetivismo sentimental e a resistência na mudança inclina-se para um estado mórbido. O homem decadentista, apesar de viver cercado por um mundo artificial e usufruir dos seus benefícios, não acredita que o avanço científico e o tecnológico possam mudar a sua vida, pelo contrário, assume uma atitude

individualista, fechando-se em oposição ao materialismo e recorrendo ao místico como resposta para o seu desprazer em viver. A partir desse pressuposto, Pereira salienta que:

[...] A arte decadentista é vivificada por uma nova e angustiada situação humana, sobretudo adveniente do contraste entre as ambições desmedidas da ciência positiva e a limitação dos que – depois da corrosão provocada nos valores das mundividências tradicionais, em particular no campo religioso – veio a oferecer, quanto à significação e finalidade da Vida, à origem do Universo, à especificidade do mundo espiritual. Por isso, a posição paradigmática do homem decadentista é a indecisão dolorosa do estar a meio caminho entre, de um lado, a satisfação positivista e agnóstica (que rejeita), o otimismo cientista e tecnicista (de que desiste, desiludido), a óptica naturalista (de que se sente saturado), e, de outro lado, a hesitante superação pelas filosofias idealistas, pelo espiritualismo renovado, pela fé religiosa. (PEREIRA, 1975, p. 25)

Diante dos paradoxos de um mundo em transição, - em que todos os desenvolvimentos tecnológicos e científicos não foram capazes de melhorar a vida humana -, a angústia do homem decadentista e a sua insegurança no enfrentamento do Universo material acarretam-lhe a desilusão, o cansaço, o tédio e o pessimismo e o aproximaram da abolia. A introspecção e o culto subjetivo colocaram em evidência a figura de um homem isolado, que buscava no refinamento cultural e em uma literatura crepuscular a resposta aos seus anseios.

A melancolia que pairava sobre o continente europeu, também esteve presente entre os portugueses. Em uma de suas crônicas, “A decadência do riso”, publicadas em seu livro *Notas contemporâneas*, Eça de Queirós afirma:

Eu penso que o riso acabou – porque a humanidade entristeceu – por causa da sua imensa civilização [...] Quanto mais uma sociedade é culta – mais a sua face é triste. Foi a enorme civilização que nós criamos nestes derradeiros oitenta anos, a civilização material, a política, a econômica, a social, a literária, a artística que matou o nosso riso [...] Tanto complicamos a nossa existência social, que a ação, no meio dela, pelo esforço prodigioso que reclama, se tornou uma dor grande: [...]. Os homens de ação e de pensamento, hoje, estão implacavelmente votados à melancolia. (QUEIRÓS *apud* MATTER, 2008, p. 105)

Em Portugal, a sensação de decadência era ainda maior devido à condição socioeconômica, cultural e política pela qual o país passava. O Ultimato Inglês (1890) e a primeira tentativa infecunda de instauração da República portuguesa (1891) ocasionaram a frustração quanto ao restabelecimento da pátria. Annie Gisele Fernandes (2003, p. 29) afirma a respeito do sentimento de decadência em Portugal, que, “neste país, os problemas e as dúvidas decorrentes do domínio da razão e da técnica foram acrescidos da constante situação de crise por que passava, o que

possibilitou a exploração de novas vias de desenvolvimento temática dentro daquela corrente literária que se consolidava". Por conseguinte, escritores como Antônio Nobre, Cesário Verde e Camilo Pessanha, já anunciavam um novo prisma literário, correspondente da frustração e a impressão de fim dos tempos.

A primeira obra portuguesa considerada simbolista-decadentista sucedeu com Eugênio de Castro, *Oaristos*, em 1890. Conquanto, a influência exercida pela estética decadentista é visível na personagem principal de *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, publicado em 1901. Mesmo sendo considerado um dos maiores expoentes mundiais do movimento realista, nessa obra, o escritor português apresentou uma sensibilidade decadentista burguesa.

O romance *A Cidade e as Serras* apresenta duas partes. A primeira retrata o cotidiano de um jovem aristocrata português, Jacinto, que reside em Paris, no final do século XIX. A história do protagonista é contada pela visão do narrador e amigo da personagem, José Fernandes. Por meio dos relatos do narrador, observa-se que a personagem principal é a exemplificação do modo dândi de se comportar, além de ser um consumidor desregrado das tecnologias e filosofias finisseculares. Jacinto é um leitor árduo de Schopenhauer e acredita que a felicidade está no desenvolvimento científico e no mundo civilizado. Contudo, mesmo sendo detentor de toda tecnologia e comodidade provenientes da época, demonstra-se infeliz e entediado. Apresenta um aborrecimento perante a vida que não é superado pela sua riqueza e nem, ao menos, pelas relações sociais parisienses que aparentam ser apenas artificiais. Na segunda parte do romance, por conta de uma viagem para Tormes, em Portugal, Jacinto decide viver nas serras, mudando suas atitudes e sentimentos em relação à vida.

Em vista disso, este artigo recai sobre a primeira parte do livro *A Cidade e as Serras*, de modo a observar a conduta de Jacinto, personagem principal, a fim de demonstrar como suas características e comportamento, no ambiente urbano, refletem a postura do homem dândi e dos ideais decadentistas que vigoravam no final do século XIX.

### Jacinto na cidade: um dândi melancólico

Jacinto é um jovem aristocrático, herdeiro de família portuguesa, que possui trinta e quatro anos e reside em Paris -, capital cosmopolita e principal centro intelectual e cultural europeu -, em seu palácio, no Campo Elísios, número 202, no final do século XIX. Rico e morador do ambiente urbano, Jacinto é materialista e demonstra uma afeição pelo sofisticado, pois consome de modo exagerado todas as últimas tecnologias da época visando uma vida mais fácil, confortável e prazerosa. Ao adentrar em sua casa, o seu amigo, o narrador Zé Fernandes, que há sete anos não o via, expressa de maneira deslumbrada: "Acumulastes civilização, Jacinto! Santo Deus... Está tremendo o 202." (QUEIRÓS, 1997, p. 25). Isso porque sua casa resplandia o progresso científico e industrial, pois era provida de aquecedor, luz elétrica, perfumadores, máquina de escrever, de calcular e telégrafo. Seu escritório era repleto de aparelhos modernos e, apesar do palácio possuir apenas dois andares, tinha, inclusive, um elevador o que chama a atenção de Zé Fernandes: "[...] Mas dentro, no peristilo, logo me surpreendeu um elevador instalado por Jacinto - apesar

do 202 ter somente dois andares, e ligados por uma escadaria [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 24).

A decoração da sua casa seguia as tendências da moda finisseclular, privilegiando elementos artificiais e a luz elétrica. O palácio estava repleto de materiais e tecnologias que cessavam a luz natural, os móveis e livros, juntamente com suas enormes portas cerradas causavam a sensação de abafamento no 202 (QUEIRÓS, 1997, p. 67). A descrição do ambiente justamente se assemelha ao estado de espírito do homem do fim do século que, ao ver-se rodeado pela modernização, fecha-se em si mesmo.

Do mesmo modo, o jovem português erradicado em Paris demonstra muito apreço pelo conhecimento filosófico e científico da época, pois é assinante dos principais jornais de Paris e Londres, possui dicionários e sua biblioteca é abarrotada de livros sobre os principais filósofos e cientistas, desde Platão, Aristóteles, Hobbes, o economista Adam Smith até obras de Schopenhauer. Sobre a sua biblioteca o narrador expressa:

[...] penetramos numa nave cheia de majestade e sombra, onde reconheci a Biblioteca por tropeçar numa pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede: e uma coroa de lumes elétricos, refulgindo entre os laves do teto, alumiu as estantes monumentais, todas de ébano. Nelas repousavam mais de trinta mil volumes [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 24)

O apego à matéria resultante do cosmopolitismo e o cultivo cultural da personagem expressam o comportamento que se assemelha ao modo de viver dos dândis, personagem proveniente da sociedade finisseclular decadentista que apresenta atitudes apuradas de grande apreço pela modernização e progresso cultural. Baudelaire o descreve como “homem rico, ocioso e que, mesmo entediado de tudo, não tem outra preocupação senão correr ao encalço da felicidade; o homem criado no luxo e acostumado a ser obedecido desde a juventude; aquele, enfim, cuja única profissão é a elegância, sempre exibirá, em todos os tempos, uma fisionomia distinta, completamente a parte” (BAUDELAIRE apud MATTER, 2008, p. 106). Acrescenta-se à descrição de Baudelaire, a definição de Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina:

Os dândis são figuras de exclusão que se encontram paradoxalmente à margem de uma aristocracia ou burguesia e exigem seu direito à futilidade e ao artifício. Eles se postam contra a massa e a massificação da sociedade industrial e burguesa. São figuras que jamais fariam uma revolução coletiva, mas servem de contraponto ao coletivo, teatralizam a decadência das sociedades e o direito à individualidade e à diferença”. (CATHARINA, 2005, p. 85)

Nesse sentido, os dândis são personalidades ricas e ociosas que apreciam o luxo, a elegância e o que é superiormente civilizado. Desenvolvem posturas superficiais que prezam pelo isolamento e o aprimoramento cultural. Por esse

ângulo, a personagem Jacinto pode ser considerada um dândi, visto que valoriza o aspecto visual, que tenciona à expressão civilizada, por meio de poses primorosas e o rebuscamento da moda:

[...] todo o seu fato, as espessas gravatas de cetim escuro que pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz, das botas vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta dessemelhantes cravo, azálea, orquídea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre leve folhagem de funcho". (QUEIRÓS, 1997, p. 21)

Como um perfeito dândi, Jacinto almeja a distinção, por isso usa roupas elegantes que lhes dão um ar refinado. Além disso, gasta muito tempo cuidando de sua aparência, através de atitudes rotineiras e artificiais das quais se depreende a própria mecanicidade humana. É o que se observa, quando, no segundo capítulo, o narrador Zé Fernandes descreve o ritual de higiene íntima realizado por Jacinto todos os dias pela manhã:

No 202, todas as manhãs, às nove horas [...] Encontrava o meu amigo banhado, barbeado, friccionado, envolto num roupão branco de pelo de cabra do Tibete, diante da sua mesa de toilette, toda de cristal (por causa dos micróbios) e atulhada com esses utensílios de tartaruga, marfim, prata, aço e madrepérola que o homem do século XIX necessita para não desfear o conjunto suntuário da Civilização e manter nela o seu Tipo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto – porque as havia largas como a roda maciça dum carro sabino; estreitas e mais recurvas que o alfanje dum mouro; côncavas em forma de telha aldeã; pontiagudas, em feito de folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem penugem de rola! De todas, fielmente, como amo, que não desdenha nenhum servo, se utilizava o meu Jacinto. E assim, em face ao espelho emoldurado de folhedos de prata, permanecia este Príncipe passando pelos sobre o seu pelo durante catorze minutos. (QUEIRÓS, 1997, p. 31)

O comportamento monótono juntamente com o apreço a materialização evidenciam a necessidade de parecer altamente civilizado, sempre valorizando o que é sofisticado, como a mesa de cristal e os utensílios que são desde prata até madrepérola. Além do mais, os excessos e a mecanicidades oriundos da civilização estão presentes, até mesmo, no tempo gasto em frente ao espelho para pentear os cabelos: quatorze minutos.

Os excessos do homem finissecler são sentidos inclusive na alimentação refinada de Jacinto. Em sua mesa é servido fiambre, ostras, lagosta, filete de veado, peixes refinados, geleias e laranjas geladas com éter. Até mesmo, a água tomada por ele não é natural, pois é modificada pela ciência da época que a torna ora oxigenada, ora carbonatada, gasosa, fosfatadas, esterilizadas ou de sais. De modo semelhante, a hora das refeições era extremamente sofisticada. O simples ato de jantar, por

exemplo, transforma-se em algo complicadíssimo, conforme observa o narrador Zé Fernandes ao se dar conta de que o amigo utiliza de vários talheres de “feito astucioso”:

Mas já me começava a inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitos astuciosos. E mais me impressionei quando Jacinto me desvendou que era um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as frutas, outro para o queijo. Simultaneamente, com uma sobriedade que louvaria Salomão, só dois copos, para dois vinhos: - um Bordéus rosado em infusas de cristal, e Champanhe gelando dentro de baldes de prata. Todo um aparador porém vergava nadas, águas carbonatadas, águas fosfatadas, águas esterilizadas, águas de sais, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados terapêuticos impressos em rótulos. (QUEIRÓS, 1997, p. 30)

Isso tudo é resultado da ideia de que a civilização está ligada à superioridade e à sofisticação. Jacinto tem sua vida tomada por aparelhos da modernidade, o que demonstra valorização dos bens de consumo, pois acredita que para viver uma vida plena é necessário adquirir e utilizar os utensílios que o progresso lhe oferece.

Para ele, a felicidade era oriunda da civilização: “[...] Este Príncipe concebera a ideia de que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado. [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 17). Nesse sentido, Paulo Franchetti chama atenção para a ideia sustentada por Jacinto “[...] a de que ela [a felicidade] é o produto da suma ciência e da suma potência. Uma proposição de que a felicidade, portanto, reside na integração ao próprio tempo, no que ela tem de mais avançado.” (FRANCHETTI, 2007, p. 25). Assim, para o protagonista o conceito de felicidade está intimamente ligado ao de civilização e, portanto, à cidade, pois é o local onde se desenvolve o conhecimento científico, cultural e mecânico: “Por uma conclusão bem natural, a ideia de civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, duma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 19). Isto posto, a cidade, para Jacinto, correspondia à máxima potência do saber humano e o homem só poderia ser realmente feliz se fosse rodeado pela civilização: “[...] E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que incivilizado, porque descubro realidades do Universo que ele não suspeita e de que está privado. [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 18).

Nesse sentido, o conhecimento científico e cultural, assim como a posse da tecnologia, equivalem à condição principal da civilização e configuram como fontes absolutas da felicidade almejada pela personagem. No entanto, o discurso de Jacinto não condiz com o seu comportamento, pois esse excesso de civilização, assim como, a artificialidade das relações parisienses, se estende para um estado de abulia, próprio do *spleen*<sup>3</sup>, dentro de um tédio existencial, como bem nota o narrador José Fernandes:

<sup>3</sup> *Spleen*: termo francês que está associado ao poeta Charles Baudelaire. Trata-se de um profundo sentimento de desânimo, isolamento, angústia e tédio existencial, que Baudelaire exprime em vários dos seus poemas em *As Flores do Mal*. O termo foi muito difundido pelo poeta francês durante o Decadentismo. Disponível in: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Spleen>> Acesso em 2 out. de 2018.

[...] Claramente percebia que o meu Jacinto atravessava uma densa névoa, de tédio, tão densa, e ele afundado na sua mole densidade, que as glórias ou os tormentos dum camarada não o comoviam, como muito remotas, intangíveis, separadas da sua sensibilidade por imensas camadas de algodão Pobre Príncipe da Grã Ventura, tombado para o sofá da inércia, com os pés no regaço do pedicuro! Em que lodoso fastio caíra, depois de renovar tão bravamente todo recheio mecânico e erudito do 202, na sua luta contra a Força e a Matéria. [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 65-66)

Jacinto vivia aborrecido e entediado. Seu comportamento é fruto do excesso, como bem nota seu criado Grilo “ - S. Ex.<sup>a</sup> sofre de fartura.” (QUEIRÓS, 1997, p. 66). Ele chegou ao ponto máximo do contato com a tecnologia e civilização, possuía todos os apetrechos mecânicos e culturais da moda, era um homem influente na sociedade parisiense, por isso no desenrolar do romance, ocorre a falência dos seus ideais, ou seja, a sociedade industrial, o progresso acelerado e suas relações artificiais, ao invés de proporcionarem-lhe bem estar e felicidade, provocavam-lhe um estado mórbido evidenciado em sua aparência conforme destaca o narrador:

Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afinara mais entre duas rugas muito fundas, como as dum comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava. (QUEIRÓS, 1997, p. 24)

O Jacinto jovem, viçoso e alegre, na medida em que foi usufruindo das facilidades que a modernidade lhe proporcionava, tornou-se um homem triste, com uma aparência sem graça, magro, sempre cabisbaixo, reflexivo, de expressão apática, sempre bocejando e demonstrando sua insatisfação por meio da expressão “que maçada”. A todo momento, o narrador enfatiza a postura entediada de Jacinto:

Não eram certamente confissões anunciadas. O elegante e reservado Jacinto não torcia os braços gemendo - “Ó vida maldita!”. Eram apenas expressões saciadas; um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas; por vezes uma imobilidade determinada, de protesto, no fundo de um divã, de onde não se desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os bocejos, os ocos bocejos com que sublinhava cada passo, continuando por fraqueza ou por dever iniludível; e sobretudo aquele murmurar que se tornava perene e natural - “Para quê” - “Não vale a pena!” - “Que maçada!”. (QUEIRÓS, 1997, p. 66)

Com o desenrolar da narração, Zé Fernandes demonstra que Jacinto vive deprimido e sem vontades, o que caracteriza o sentimento de tédio que assola a

sociedade finisseclular. Segundo, Cristina Henriques Bernardes Carvalho, (2007, p. 21) o tédio assalta o homem por três motivos: primeiramente por não ter algo que possa executar, ou quando tem, essa atividade não lhe agrada; também pela monotonia da rotina; e pelo desinteresse por aquilo que lhe rodeia. Em Jacinto, segundo a estudiosa, o tédio se manifesta dos três modos. Apesar de ter uma agenda cheia, uma vez que sua rotina de afazeres iniciavam-se logo cedo, Jacinto demonstrasse aborrecido perante seus compromissos sociais. Um exemplo é o jantar que a personagem oferecera ao Grão-Duque em que, mesmo cercado de toda aristocracia parisiense, - como é de se esperar de um dândi -, Jacinto parecia desanimado, conforme observa o narrador Zé Fernandes “[...] E o meu pobre Jacinto, numa aplicação conscienciosa, pendia sobre o Teatofone tão tristemente como sobre uma sepultura.” (QUEIRÓS, 1997, p. 51). Percebe-se as relações que Jacinto sustentava não lhe propiciavam prazer ou alegrias, eram cultivadas apenas pelas aparências, por convenções sociais. A superficialidade das relações parisienses juntamente com a sua rotina excessiva de compromissos lhe causavam aborrecimento, pois não traziam nada de novo, os resultados eram sempre os mesmos, tornando-o um homem entediado: “E Jacinto, num som cavo que era bocejo e rugido: - Uma maçada! E tudo falha!” (QUEIRÓS, 1997, p. 57).

O desânimo de Jacinto avança a um estado de abulia, em que nem mesmo suas relações amorosas lhe trazem prazer. Conforme ressalta Baudelaire “O dândi não visa o amor como um fim em si” (BAUDELAIRE apud MATTER, 2008, p. 107). Nesse sentido, o que faz com que o dândi se relacione com as mulheres é apenas a conveniência social. Prova disso, são as mulheres com as quais Jacinto se relacionava por ostentação, ou seja, apenas para ter uma companhia para exibir à sociedade. O relacionamento com a Madame Oriol, mulher de alta sofisticação, era artificial, não demonstrava sentimento e parecia existir apenas para cumprir protocolo. As visitas de Jacinto à jovem aparentavam causar-lhe sempre desconforto a ponto de levar o amigo Zé Fernandes junto aos encontros: “ - Vamos a casa de Madame de Oriol, Zé Fernandes? Eu tinha marcadas para hoje seis ou sete coisas, mas não posso, é uma seca! Vamos a casa de Madame de Oriol...” (QUEIRÓS, 1997, p. 80). Os momentos de despedidas da mulher causavam-lhe sempre “alacridade e alívio” (QUEIRÓS, 1997, p. 80). Ocorre que Jacinto, sendo um dândi, é egoísta, sente repulso pelas mulheres; o amor e suas relações eram sempre artificiais e não surtiam sentimento algum.

Isso, também, é possível depreender de sua relação com a prostituta de luxo, Diana, que parece se configurar apenas porque, em Paris, no final do século XIX, ter uma prostituta a sua disposição fazia parte das conveniências do dândi, sendo, portanto, um sinal de status social:

[...] Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma *cocotte* com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolência, é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube. Eu pago um bocado... Mas meramente por civismo, para dotar a Cidade com uma *cocotte* monumental [...]. (QUEIRÓS, 1997, p. 39)

À vista disso, mais adiante, Jacinto assegura para Zé Fernandes “[...] Pobre Diana!... Dos ombros para baixo nem sei se tem a pele cor de neve ou de cor de limão” (QUEIRÓS, 1997, p. 39), o que comprova que a personagem principal somente sustentava a companhia de Diana para exibir à sociedade parisiense uma acompanhante, sem manter alguma relação amorosa e mesmo sexual. A presença de Diana não figura em contentamento e é outra circunstância em que o protagonista desfalece “[...] Mas é uma seca! Sempre bilhetes, sempre telefones, sempre telegramas. E três mil francos por mês, além das flores... Uma maçada!” (QUEIRÓS, 1997, p. 39).

A relação de Jacinto com Madame Oriol e com Diana, era apenas artificial. A presença de ambas causava-lhe sempre desgosto, o protagonista ansiava pelo momento da despedida. Esse desejo de distanciação da mulher é característico da estética decadentista, pois, de acordo com José Carlos Seabra Pereira (1975, p. 37), “no amor decadentista estão sempre presentes, como solicitações de confrontação polar, mas de magnética compresença, um impulso de afastamento da mulher [...]”, o que decorre devido ao fato de que o homem decadentista não é motivado por características virtuosas, mas, sim, pelo individualismo exacerbado que, de acordo com Michelle Dull Matter, “leva-o a querer terminar nele mesmo, sem a necessidade do outro, do feminino” (MATTER, 2008, p. 107).

Dessa forma, as personagens femininas do romance, para Jacinto, representavam um status na sociedade. Maria Lúcia Lepecki, afirma que isso ocorre devido à secundarização da mulher no romance, que “[...] aparece como que pano de fundo, ora como enfeite de salões aristocráticos, ora ocupada na governança da casa, ora ainda como reprodutora de mantenedora da estirpe. [...]” (LEPECKI, 1974, p. 89).

O desânimo de Jacinto, tanto em relação à figura feminina, como pelos excessos, pela artificialidade e futilidade da vida na cidade, o faz buscar nas teorias científicas e filosóficas da época uma resposta para seu desalento, “[...] O seu cuidado realmente e o seu esforço consistiram então a sondar e formular esse tédio - na esperança de vencer logo que lhe conhecesse bem origem e a potência. [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 82). A busca por uma resposta através do conhecimento esotérico é característica do homem decadentista, do mesmo modo, Jacinto explora as ciências da época, como: o Inconsciente, Nietzismo, Feudalismo espiritual, Tolstoísmo (QUEIRÓS, 1997, p. 75) como uma solução ao seu desalento. Mais tarde, toma conhecimento das filosofias do pessimismo, em especial, Schopenhauer:

Foi então que o meu Príncipe começou a ler apaixonadamente, desde o *Eclesiastes* até Schopenhauer, todos os líricos e todos os teóricos do Pessimismo. Nestas leituras encontrava a reconfortante comprovação de que o seu mal não era mesquinamente "Jacintico" - mas grandiosamente resultante duma Lei Universal. (QUEIRÓS, 1997, p. 83)

Desse modo, percebe-se que a melancolia que acometia Jacinto não era apenas um mal individual, mas um sentimento que acometia a maior parte dos homens do final do século XIX. Assim, Jacinto é exemplo do que ocorria com o homem finisseclular que, embora agraciado pelas vantagens da modernidade, se sentida entediado e descontente em relação à vida. Tal atitude é fruto da vontade que assomava os homens da época. A filosofia de Arthur Schopenhauer parte do

princípio da vontade. De acordo com o filósofo, a vontade é a essência da vida, elemento primordial da natureza humana, uma vez que os homens são guiados por ela. Dessa maneira, o ser humano sempre busca a satisfação da vontade, porém, o sofrimento é inerente a ela e, nesse sentido, a busca pela compensação da vontade será sempre passageira, ou seja, o homem está fadado ao sofrimento. Em Jacinto, essa visão acontece através do vazio existencial que o domina enquanto vive na cidade, sem que haja a perspectiva de mudança. Esse é o preço que Jacinto paga por ter uma vida farta.

Conforme assegura Lepecki (1974, 145-6), a personagem vive em um mundo alienatório, “a imobilidade de Jacinto por sua vez demonstra que a aparente e epitelial forma de comunicação com as fontes de cultura e de progresso, a ânsia de estar à *la page* é a mais grave forma de isolamento, é mesmo forma de escravidão”.

O ceticismo da personagem é coetâneo ao surgimento das ideias decadentistas. O decadentismo em Jacinto se expressa, dessa forma, devido à desilusão causada pelo excesso, como tinha tudo o que almejava, Jacinto deixou de desejar novas conquistas, tornou-se improdutivo e pessimista. Por conseguinte, o descrédito no avanço da sociedade industrial, o pessimismo e a melancolia expostos pelo Decadentismo se assemelham a abulia de Jacinto perante a sociedade cosmopolita.

Além disso, conforme pontua Matter (2008), percebe-se que a idealização do mundo civilizado cai por terra quando as tecnologias acumuladas no 202 apresentam defeitos e, até mesmo, param de funcionar, como ocorre com a quebra do elevador durante o jantar que a personagem oferece para o Grão-Duque ou com a inundação do 202. Verifica-se, nesses momentos, a desilusão e irritação de Jacinto diante da incapacidade de usar plenamente seus utensílios modernos. Dessa forma, o que foi feito para facilitar sua vida acaba por causar-lhe grande transtornos. Essas situações no romance evidenciam, conforme aponta Matter, “a certeza finisseclular da incapacidade do homem de dominar o progresso que ele cria e de transformá-lo em algo útil, ou que o faça feliz” (MATTER, 2008, p. 110).

Longe da civilização, nas serras, Jacinto encontra o equilíbrio. Isso porque, fora do cosmopolitismo, a personagem possui uma nova ótica para a sua vivência. Uma vida mais simples, longe das parafernalias modernas e com novos planos. Jacinto passa a se alimentar melhor e de modo natural, pois “[...] Jacinto tudo saboreia, desde o caldinho ao arroz com favas (que em Paris abominava) e ao louro frango assado, e a refeição lhe merece o epíteto de divina. [...]” (BERRINI, 1987, p. 33). Suas leituras já não são as mesmas, Jacinto troca os autores pessimistas por *D. Quixote* e sua feição muda, conforme se subtende pela narrativa de Zé Fernandes: “Em breve, porém, me fez pular, escancarar as pálpebras moles, uma rija, larga, sadia e genuína risada. Era Jacinto, estirado numa cadeira, que lia *D. Quixote* [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 130).

O pessimismo que acometia Jacinto na cidade, se faz inexistente nas serras, a ponto de o próprio protagonista constatar: “[...] o pessimismo é uma teoria bem consoladora para os que sofrem, porque desindividualiza o sofrimento, alargando-o até o tornar uma lei universal, a lei própria da Vida [...]”. Mais adiante, Jacinto ainda reflete: “[...] o Pessimismo é excelente para os Inertes, porque lhes atenua o desgracioso delito da Inércia” (QUEIRÓS, 1997, p. 128-9). Essa mudança de

perspectiva acontece porque Jacinto encontra, nas serras, um novo objetivo para a sua vida.

Sendo assim, nas serras Jacinto deixa de comportar-se como um dândi e as características decadentistas, tão presentes na primeira parte de *A Cidade e as Serras*, quando o protagonista vivia uma vida de excesso no centro urbano, desaparecem na segunda parte, quando ele entra em contato com a natureza e a tradição portuguesa. Percebe-se então, neste momento, a influência de outras estéticas finisseculares portuguesas que tendem a retomar e valorizar os elementos tradicionais e naturais portugueses em uma tentativa de superar o sentimento de derrota e pessimismo que acometeram o país após o Ultimato inglês em 1890.

### Considerações finais

A leitura do romance *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós a partir da ótica finissecular decadentista evidenciou, na primeira parte da obra, quando Jacinto vive em Paris, duas perceptivas: o dandismo do protagonista e a ideia de degeneração a partir do avanço da modernidade ocasionado pela Segunda Revolução Industrial. A pesquisa em torno de comprovações a respeito da postura decadentista de Jacinto trouxe à tona a evidência do olhar atento do escritor Eça de Queirós à falência dos ideais positivistas e cienticistas e aos problemas decorrentes de uma sociedade em constante mudança. Assim, Eça de Queirós constrói em Jacinto uma personagem típica: homem aristocrático de postura dândi que, devido ao excesso de civilização ao qual é submetido na cidade, acaba por desenvolver o sentimento de pessimismo e melancolia provenientes do homem do final do século XIX. Por sua vez, quando retirado desse ambiente opressivo e inserido junto à natureza, Jacinto muda sua postura e deixa de ser um dândi e apresentar características decadentistas.

### JACINTO IN THE CITY: A REPRESENTATIVE OF FINISSECLAR DECADENTISM

**Abstract:** At the end of the nineteenth century, the literary artistic field had new directions. Advances in scientific and economic areas intensified cosmopolitanism and consumption, which caused the feeling of ephemerality of life and it culminated in a lack of belief in progress and sense of decadence, originating the Decadent Aesthetics in literature. That being said, this article has the objective to present how the dandy posture and the Decadentism is apparent through the composition of the character Jacinto in the first part of Eça de Queirós' book, *The City and the Mountains*.

**Keywords:** *The City and the Mountains*; Decadentism; Jacinto.

### Referências

BERRINI, Beatriz, Jacinto: aristocrata rural. In: *Colóquio/Letras*, n.º 97 (1987), p. 26-36.

CARVALHO, C. H. B. Da decadência à regeneração: Jacinto e o percurso da autodescoberta em *A Cidade e as Serras*. Tese (Mestrado em Literatura Portuguesa e Estudos Interdisciplinares) - Universidade Aberta de Lisboa. Lisboa, 2007.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. *Quadros literários fin-de-siècle: um estudo de Às Avessas*, de Joris-Karl Huysmans. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Notas e comentários Leila Guenther. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

FERNANDES, Annie Gisele. As respostas da *intelligentsia* lusitana ao Portugal de fins de oitocentos: O nacionalismo e o messianismo literários. *Via Atlântida* (USP), v.6. São Paulo, 2003. p. 29-44.

GOMES, A.C. *O Simbolismo*. São Paulo: Editora Ática.1994.

LEPECKI, Maria Lúcia. *Eça na Ambiguidade*. Lisboa: Jornal do Fundão,1974.

MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. A Postura (Anti-) Dândi e a noção de decadência no conto *Civilização* de Eça de Queirós. In: *O Marrare: revista da Pós-graduação em Literatura Portuguesa*. V. 8. Rio de Janeiro, 2008. p. 104 - 117. Disponível in: < <http://www.omarrare.uerj.br/numero9/michele.html> > Acesso em 1 jun. 2018.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975.

QUEIRÓS, Eça. *A cidades e as serras*. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom Livro).

---

ARTIGO RECEBIDO EM 07/01/2019 E APROVADO EM 04/04/2019